



D. HELOISA TEIXEIRA

Jovem e distinta senhora da alta sociedade da Bahia
(BRASIL)

ALMA NOVA

“ALMA NOVA”

PROGRAMA :

CONTRIBUIR PARA O RESSURGIMENTO NACIONAL
E DESENVOLVIMENTO DO INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Directores literários : ALCANTARA CARREIRA e MATEUS MORENO — Director Artístico : J. SAAVEDRA MACHADO
Secretário da redacção : REBELO DE BETTENCOURT

Administração
C. de João do Rio, 8, 1.º
LISBOA
Propriedade e edição da
Empresa-Ressurgimento

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)	
Continente, Ilhas e Espanha, ... Semestre 6 n.º 15\$00—Ano (12 n.º) 28\$00	
Colónias » » 18\$00— » » 32\$00	
Outros países..... » » » » 40\$00	
Número avulso 2\$500	

Redacção
Rua da Assunção, 42, 2.º
LISBOA
TELEFONE
N. 5396

IIIª Sª — Num 31 (31 e 32)

Setembro de 1925

SUMÁRIO

CAPA (primeira página) D. Heloisa Teixeira, jovem e distinta senhora da primeira sociedade da Bahia (Brasil)	Fotografia
ALBERTO DE OLIVEIRA—classificado o principe dos actuais poetas brasileiros.	»
CRÓNICA—O nosso novo director Alcântara Carreira.	Mateus Moreno
O BRASIL DE HOJE—Na grande empresa de «O Malho» (com fotografia).	Redacção
GONÇALVES FIDALGO (com fotografia).	»
BRASIL GERSON (com caricatura de Valverde).	»
UM JOVEM ARTISTA PLASTICO E UMA GRANDE FIGURA DO BRASIL (com fotografia).	»
O JORNALISMO E A MUSICA NO BRASIL—Olival Costa e Marcelo Tupinambá (com fotografias).	»
AS GRANDES INICIATIVAS DOS PORTUGUESES. NO BRASIL.	»
AS REVISTAS PORTUGUESAS «A. B. C.» e «ALMA NOVA», NO BRASIL.	»
A ALMA FEMININA DE S. PAULO—Ao partir !.	Alcantara Carreira
SOCIEDADE BRASILEIRA—A Ex.ª Sr.ª D. Noémia Nascimento Gama.	Fotografia
PINTORES ALGARVIOS—Alfarrobeiras do mar (Reprodução de quadro).	Samora Barros
INSTANTANEOS (com ilustrações)	Redacção
ARTE POPULAR PORTUGUESA—Os púcaros cá da gente (com ilustrações de Saavedra Machado).	Luis Chaves
NOTAS DO MES	Redacção
PUBLICIDADE : Últimas publicações, Livros brasileiros, Casas recomendadas, etc.	—
CAPA (última página): A melhor sardinha de Portugal	Casa Gouveia e Santos

A «Alma Nova» desde o próximo número passa a sair a 15 de cada mês

Avisamos os Ex.ªs assinantes antigos de que as suas quotas, até ao fim do corrente ano, se referem aos números que vão indicados no parêntesis

LIVROS A' VENDA NA “ALMA NOVA,”

Sangue d'Epopeia—A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1. vol. il. broch.	4\$00	O Ioverosimil—Confidência Proibida, original do insigne escritor e moralista LORDE PECHINCHA de NADVALE	2\$00
Na guerra e na Paz — Sinfonia Macabra, id., id. (3.ª edição).	2\$00	A Educação Moral—Pelos exercéios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA, Prof. efectivo dos liceus	4\$00
Minha Pátria—Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição, broch., 3\$00, cada livro	1\$00	Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Cantigas (2ª edição), por REBELO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luis Chaves. 1 vol. broch.,	2\$50	Eça de Queiroz — Revelado por uma ilustre senhora de sua familia» (D. C. D'EÇA DE MELO)	3\$00
Odes de Anacreonte, por LUÍS CALADO NUNES	2\$50	Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto)	8\$00
Campanhas Camilianas, por OLDEMIRO CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES, 1 vol. broch., com ils. de Rafael Bordalo Pinheiro.	5\$00	A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES. 1 op. ils.	1\$00
Foi Eça de Queiroz um plagiador? por CLÁUDIO BASTOS	15\$00	O Desenho e as Mulheres no labor artistico de Rafael Bordalo, por SAAVEDRA MACHADO, edição de luxo, formato grand: e profusamente ilust. (a entrar no prelo)	

“ALMA NOVA” volumes I e II da 3.ª série, encad. 25\$00, broch. 15\$00

Em todas as remessas destes livros se faz o desconto de 20%, aos assinantes da Alma Nova

ATENÇÃO!

Interessa-vos anunciar na “ALMA NOVA”, porque é uma revista lida em todo o Continente, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro. Pedir prospectos e precário dos anúncios.

Directores Literários:
Alcântara Carreira
e
Mateus Moreno

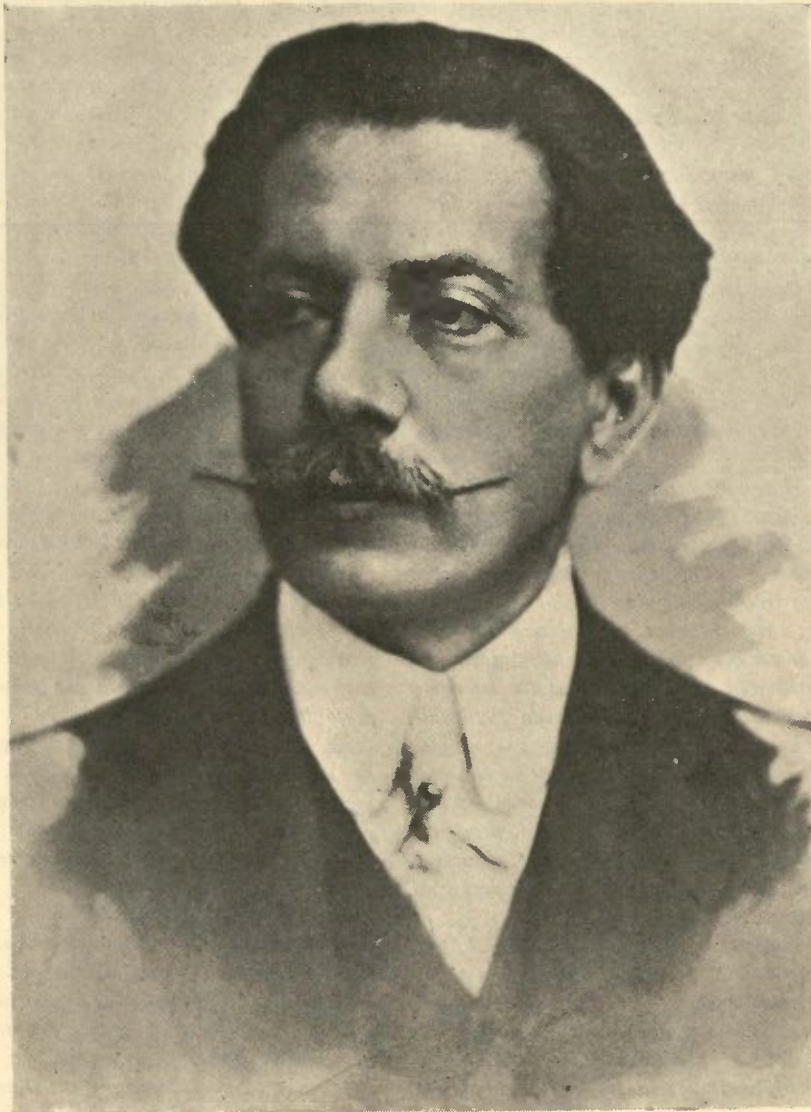
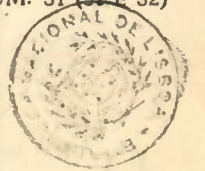
ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

Director Artístico:
Saavedra Machado
Secretário:
R. de Bettencourt

ANO 4.º (XI.º) — III.ª SÉRIE

LISBOA — SETEMBRO DE 1925

VOL. III — NÚM. 31 (31 e 32)



ALBERTO DE OLIVEIRA

*CLASSIFICADO O
PRINCIPE DOS ACTUAIS
POETAS BRASILEIROS,
NO CONCURSO NACIO-
NAL QUE ACABA DE SER
REALIZADO PELA PO-
PULAR REVISTA "FON-
FON,, DO RIO DE JA-
NEIRO*

C R Ó



N I C A

O NOSSO NOVO DIRECTOR ALCANTARA CARREIRA

DAMOS hoje aos leitores da "Alma Nova", uma agradável notícia: a entrada da paeta, prosador e conferencista sr. Alcântara Carreira para nosso co-director.

Duas palavras para a apresentação do novo companheiro e dos seus propósitos adentro da revista:

Alcântara Carreira nasceu em Coimbra; estudou, menino, em Castelo Branco; estudou, trabalhou, fez-se homem e escritor, a seguir, no Porto. Ali estimavam-na tanto que, com pouco mais de vinte annos e já três livros de versos publicados, o elegiam director da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras e do Ateneu Comercial, e o governo da monarchia offerecia-lhe o Officialato de Santiago, pela sua colaboração no centenário do nascimento do Visconde de Almeida Garrett.

Quando o príncipe D. Luis Filipe foi a África, a imprensa do Porto escauteou-o para a representar nessa viagem, encargo que teve por fim de declinar, por tal viagem haver sido várias vezes adiada e se encontrar em Londres quando se iniciou.

A sua vida passou-a desde então quasi permanentemente fóra do país, mas sempre com os olhos e o coração postos nos destinos deste. Primeiro esteve em Paris e Londres, donde mandou crónicas para "O Primeiro de Janeiro"; depois passou a visitar o Brasil, onde fez conferências e ganhou amizades. No Brasil foi redactor-representante do "Brasil-Portugal", depois de "O Primeiro de Janeiro", e d' "Os Serões", e, ultimamente, critico e delegado do "A B C", qualidade em que accompanhou o dr. Antóanio José d'Almeida, na sua viagem presidencial áquele país, e que lhe mereceu o Officialato de Cristo, com os maiores elogios do veaerando Presidente, pelos serviços então prestados.

No Brasil, onde é queridissimo, pelo muito e bem que ali tem sempre dito das coisas portuguezas e pelo muito que tem trabalhado, em Portugal, em prol dum mais perfeito conhecimento dos valores e do progresso, daquelle país; na América do Norte e no Oriente, que já visitou também, em toda a parte se tem esforçado par tornar querido o nome portuguez, já realizando conferências, já escrevendo.

As suas obras literárias, totalmente esgotadas, são: "Livro d'Alma", "Doída Juventude", "Deixando a Pátria", "Pecadora", "Milagre do Amor", "Dáquem e d'Além-Mar", e o emocionante acto em prosa, passado no dia em que a Alemanha declarou guerra a Portugal e representado no teatro República a 16 de Maio de 1916, — "Roça Lusitano".

Entre as suas conferências mais notáveis, contam-se: "O Amor e o Trabalho", "Monsinho de Albuquerque", "A Mulher e o Amor", "Herculano e Garrett", "Caridade", "Julio Diniz e a sua obra", "História de Portugal — a história do povo e não dos reis", "As poetisas portuguezas", e "Portu-

gal terceira potência colonial do Mundo, — a sua moderna geração, — conferência esta que obteve no Brasil um legitimo successo, não só pelas verdades afirmadas, mas também por ter sido feita no Rio e repetida, a pedido, em S. Paulo, no momento em que alguém, naquele país, tentava amesquinhar o esplendor do passado e do presente da literatura portuguesa.

A' bibliografia atraz citada devemos juntar ainda dois romances publicados em folhetins na imprensa do Brasil, além de inúmeros artigos, crónicas e poesias, dispersos pelos jornais e revistas, sabretudo brasileiras, e um volume, que tem pronto para publicar, com o título "Serenamente".

Ao escrevermos estas linhas, sabemos que — fruto da gratidão e da confiança que a sua pena e o seu character merecem ao Brasil — lhe acaba de ser confiada a representação em Portugal, com honras de Director, dos jornais "Folha da Manhã", e "Folha da Noite", e das revistas "Novissima", e "Terra e Mar", de S. Paulo, e "Ilustração Brasileira", "Leitura para todos", "Para todos", "Arlequim", "Semana Desportiva", "O Malho", "Vida Doméstica", e "Frou-Frou", do Rio de Janeiro.

Deve-se a Alcântara Carreira o terem sido editados em Portugal: "Discursos e Conferências", de Rui Barbosa; "Contrastes e Coafrontos", de Euclides da Cunha; "Ondas", de Luis Murat; "Talita", de Pinto da Rocha, entre outros livros de bela literatura brasileira, e deve-se-lhe neste momento o termos visto esplender, com aplauso unânime do público e da imprensa, nas vitrinas das principais livrarias de Lisboa, as obras de muitos dos modernos e mais brilhantes escritores brasileiros, tanto em livros como revistas, os quais Alcântara Carreira conseguiu dalguns nossos coafrades e editores do Brasil que fossem postos á venda, entre nós, ao preço do mercado portuguez.

E, pelo que se refere ao livro portuguez no Brasil, tendo, num inquérito que fez nas livrarias do Rio e de S. Paulo, verificado ali o ausência de muitos dos bons livros portuguezes (do que o público brasileiro se queixa), offereceu-se para aqui fazer a escolha e a respectiva remessa das nossas boas obras, missão de que já foi encarregada por quatro grandes livrarias — duas do Rio e duas de S. Paulo.

E se acrescentarmos, por fim, que Alcântara Carreira, em todo este seu intensissimo lahor, sempre desprou, olvidou ou deu minima importância a lucros monetários, leremos por assim dizer defindido e completado a personalidade que acabamos de convidar para nosso co-director literário e de quem tão amável, quanto desinteressada e cativante aquiescência acabamos de receber.

Como Alcântara Carreira é de si um programa — o programa do intercâmbio luso-brasileiro —, é lógico que a "Alma Nova", com a sua entrada para a respectiva direcção literária, acrescente esse programa aa de Resurgimento Nacional, pelo qual até hoje se tem lutado.

MATEUS MORENO



O BRASIL DE HOJE

NA GRANDE EMPRESA DE «O MALHO»



DIRECTORES, redactores e gerentes das publicações da grande empresa de *O Malho*, ou sejam, *Ilustração brasileira*, *Leitura para todos*, *Para todos*, *O Malho*, *Arlequim*, *Semana Desportiva* e *Tico-Tico*, rodeando o nosso director Alcântara Carreira, durante a visita por êste feita ás colossais oficinas onde são impressas as referidas e esplêndidas publicações, que irradiam ás dezenas de milhares pelo Brasil o que vão hoje a todo o país civilizado. Entre nós essas publicações estão obtendo um autêntico sucesso, esgotando-se rapidamente e demonstrando duma forma brilhantíssima o esplendor literário e gráfico do Brasil. Neste grupo, onde se vêem o ilustre escritor dr. Álvaro Moreyra, director da *Ilustração brasileira*, e os drs. Olegário Mariano e Onestaldo de Pennafort, distintos colaboradores da formosa revista e poetas admiráveis, faltam, entre outros, o eminente director-gerente desta grande empresa, Ex.^{mo} senhor José Pimenta de Melo, industrial opulento da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, que em Portugal fêz os seus estudos e aqui conta amigos e admiradores, — filho dum português do mesmo nome que deixou entre nós e no Brasil respeitadíssima memória — ; e falta ainda o querido e simpático gerente da mesma empresa, Ex.^{mo} senhor Léo Osório.

O Ex.^{mo} senhor José Pimenta de Melo é também o proprietário e director-gerente da considerada livraria Pimenta de Melo & C.^a. Prestando-lhes hoje esta modesta homenagem, reservamo-nos para de futuro as tributarmos individualmente a cada um dêles, quando tivermos os elementos necessários para isso.

GONÇALVES

FIGURA altamente simpática, coração de ouro e espírito muito culto, cheio de iniciativas e de audácia, o director da *Vida Doméstica*, Ex.^{mo} senhor Jesus Gonçalves Fidalgo, ocupa um lugar de justo relevo na vida actual do Brasil. Rodeando-se de brasileiros e portugueses, literatos e artistas, associou á sua empresa o admirável artista fotográfico Ex.^{mo} sr. Frederico Jaque, e há anos que dotou o Brasil com o esplêndido «magazine» que dirige, cujo titulo não deixa adivinhar a



JESUS GONÇALVES FIDALGO

FIDALGO

beleza gráfica e literária que representa, e que forma entre as primeiras publicações do seu género existentes no Rio de Janeiro. Entre nós, a *Vida Doméstica* tem tido a mais carinhosa e entusiástica aceitação.

O redactor-secretário da *Vida Doméstica* é o excelente poeta brasileiro Renato Travassos, autor do recente livro *Oração ao Sol*, e são seus redactores os distintos escritores Manuel Pinto Balsemão e Gomes de Sousa.



RENATO TRAVASSOS

Secretário da redacção da *Vida Doméstica* e auctor do magnífico livro *Oração ao Sol*

DISTINTO
DIRECTOR
DA BELA
REVISTA

... * ...

VIDA DOMÉSTICA

D O - R I O

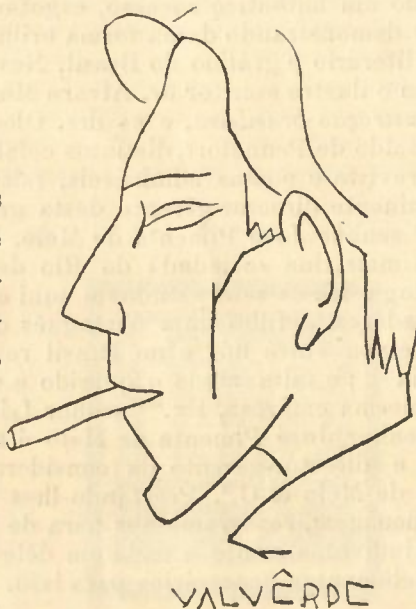


PEREGRINO JUNIOR

Prosador brasileiro da nova geração, autor do primoroso livro *Vida Fútil*

○ ○ ○ BRASIL

Brasil Gerson é o mais jovem dos críticos teatrais. No entanto, é de notar-se a penetração invulgar que revela. Trabalhou vários anos em *O Brasil*, do Rio. Há poucos meses ocupa o cargo de crítico do *Diário da Noite*, em São Paulo. E' vanguardista, e dos vermelhos. Aos críticos de São Paulo, entre êles Martin Dany, A. de Alcântara Machado e Brasil Gerson — na primeira linha — deve-se a formação de um



GERSON ○ ○ ○

ambiente propício ás novas tendências do teatro. No Rio, Gerson estava isolado.

E' autor de duas peças, a serem representadas dentro em breve: — *A mulher é uma esfinge* e *O homem que não amou*.

Gerson há-de ir longe. Tem scintilação, tem nervos, tem talento.

A máscara que damos é do distincto caricaturista brasileiro Valverde.

UM JOVEM ARTISTA PLÁSTICO E UMA GRANDE FIGURA DO BRASIL

JOSÉ CUCÉ

JOSE Cucé é um rapaz de 23 anos — paulista da gema. Bem se pode dizer que é auto-didacta. — Foi o braço forte do escultor Ximenes, na construção do monumento da Independência, na colina do Ypiranga. — Venceu, em 2.º lugar, o concurso internacional para o monumento a Santos Dumont, no Rio. — Venceu, em 1.º lugar, o concurso para o monumento ao Soldado Desconhecido, em Catânia (Itália). — Venceu, em 2.º lugar, o concurso de grupos alegóricos das Artes, para o Teatro Municipal de Campinas.

Entre as suas obras, que são já copiosas, destacam-se as frisas para o Palácio Esplendor; uma estátua, maravilhosa de expressão e originalidade — «Eva», exposta no salão paulista de Belas Artes, dêste ano, com grande sucesso; o busto do grande pintor Pedro Alexandrino, e a Fonte e a Flor, sôbre versos de Vicente de Carvalho.

José Cucé é uma das mais radiosas esperanças da arte brasileira.

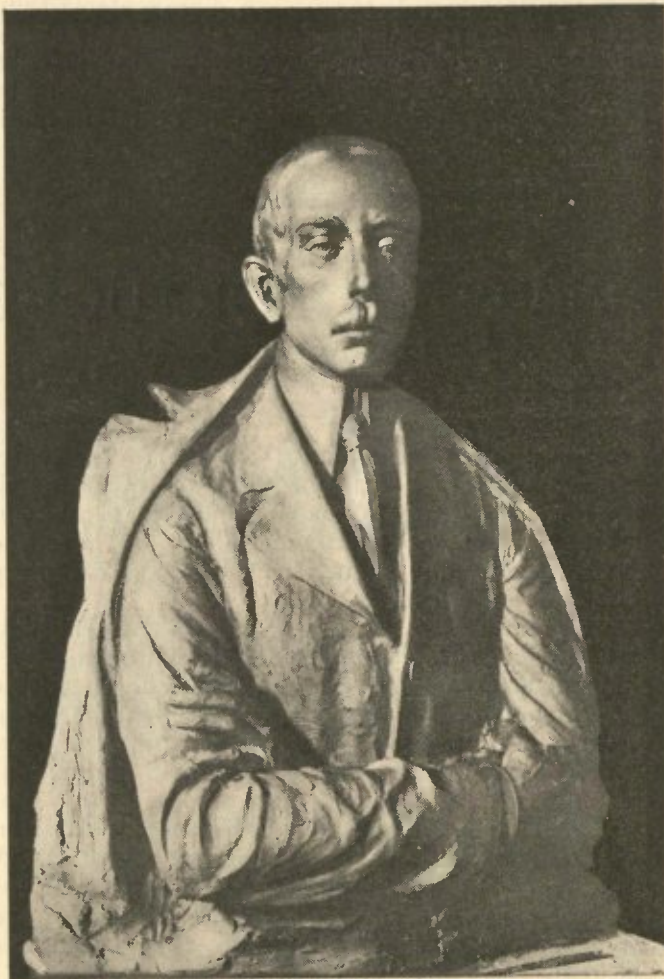
Tímido, modesto, simples, — enfim: Alguém.



O TALENTOSO ESCULTOR BRASILEIRO
DA NOVA GERAÇÃO — JOSE CUCE

SANTOS

O FAMOSO DOMINADOR
DOS ARES, CUJO SA-
BER E HEROISMO O
MUNDO INTEIRO APRE-
CIA, ACABA DE RE-
CEBER AS HONRAS DO
1.º LUGAR ENTRE OS

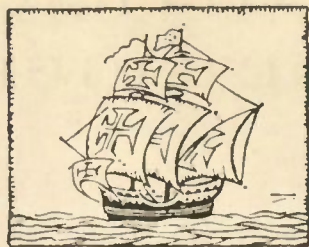


O GRANDE AVIADOR BRASILEIRO
SANTOS DUMONT - Busto de Jos Cucé

DUMONT

INVENTORES BRASILEI-
ROS, NO CONCURSO
NACIONAL ABERTO PE-
LA REVISTA FON-FON,
DO RIO, PARA A ELEI-
ÇÃO DAS MAIORES FI-
GURAS CONTEMPORA-
NEAS DO BRASIL

DE A'QUEM



E D'ALÉM-MAR

AS GRANDES

INICIATIVAS

DOS PORTUGUESES

NO BRASIL

É notabilíssima a série de grandes iniciativas da colónia portuguesa do Brasil. Desde a instituição das Beneficências, Gabinetes de Leitura e Liceus, passando pelas comemorações e subscrições patrióticas, até á *História da Colonização* — esse autêntico monumento científico e literário da Raça, prestes a concluir-se, — á fundação dos Centros Regionais, para ser instituída a *Casa de Portugal*, quantos gestos e quantas afirmações admiráveis de patriotismo dos portugueses residentes no Brasil!

A' *Casa de Portugal* se referiu Mateus Moreno, na «Crónica» do nosso último número, transcrevendo o officio que lhe participava ter sido nomeado sócio correspondente do Centro Algarvio, a que pertence; Alcântara Carreira, que é também sócio correspondente do Centro Duriense — onde se inscreveu como filho de Coimbra —, o ano passado, na conferência que fez no Rio, entre outras coisas sobre a *Casa de Portugal*, o disse seguinte: «E' tão bela, é tão grande e de tão estupendos resultados, por certo, a consecução desta ideia genial, que eu fiquei deslumbrado quando há dias, visitando os Centros Regionais, a vi a caminho da sua realização».

Mas a esplêndida árvore do patriotismo português não cessa de produzir magníficos frutos: em S. Paulo, por iniciativa do digno consul português dr. José Augusto de Magalhães, já valiosamente secundado pelos nossos compatriotas de lá e de cá, fundou-se agora a Liga Propulsora da Instrução em Portugal, generosa e luminosa ideia dum soberbo alvo — a extinção do nosso analfabetismo. Alcântara Carreira inscreveu-se imediatamente sócio contribuinte e pôz-se á inteira disposição da comissão organizadora, que o encarregou duma missão especial junto da comissão que está sendo organizada em Portugal.

A *Alma Nova* põe as suas colunas e as pênas dos seus directores ao serviço não só destas três últimas soberbas iniciativas dos nossos patricios que vivem no Brasil — *História da Colonização*, *Casa de Portugal* e *Liga Propulsora da Instrução* — mas também á de todas e quaisquer outras que se lhes sucedam.

E d'oravante, a todos — Gabinetes de Leitura, Liceus, Câmaras de Comércio Portuguesas, do Brasil, e Centros Regionais Portugueses, do Rio, — a todos a *Alma Nova* levará, embora modestíssima, uma parcela vibrante da intelectualidade portuguesa.

AS REVISTAS PORTUGUESAS

“A. B. C.,, E “ALMA NOVA,, NO BRASIL

A LÉM da nossa, para nosso co-director, também a excelente revista popular de acontecimentos semanais, que o glorioso escritor Rocha Martins dirige e o grande *meteur en scène* gráfico, Mimon Anahory, administra, acaba de convidar Alcântara Carreira para seu director literário e administrativo, no Brasil, onde tanta vez tem representado aquele *magazine*, que assim premeia a dedicação e a probidade dêste seu antigo colaborador e crítico literário.

A função que a revista «A. B. C.», de Lisboa, desempenha há mais de cinco anos, á quem e além fronteiras, é das mais nobres e mais salutaras.

Inteiramente independente, como é próprio dos destacantes espíritos que a dirigem, magnífica e variadamente colaborada por algumas das nossas mais modernas e scintilantes pênas, ela tem prestado a Portugal relevantíssimos serviços — á sua dignificação, á sua instrução, ao seu renome —, e em meio da forçada elevação de preços da publicidade entre nós, que tudo atingiu, inclusivé os jornais e as revistas, é a única coisa barata que existe, talvez, em Portugal. Enquanto Rocha Martins e os seus colaboradores lhe emprestam um brilho e uma *souplesse* invulgares, Mimon Anahory, ao leme administrativo vendo outras publicações de raizes profundas sossobrem, timbra em manter o seu querido «A. B. C.» firme e altaneiro, resistindo a todas as investidas de absorção ou alienação e oferecendo-o á ansiedade do público ao preço inconcebível de cinquenta réis (cinco centavos) de antes da guerra. Por isso daqui saudamos, com respeito e admiração, todos os que trabalham no «A. B. C.» de Lisboa, a popular revista que vai de todos os recantos de Portugal a todos os recantos do Brasil.

O JORNALISMO E A MÚSICA NO BRASIL

OLIVAL COSTA

A *Alma Nova* tem o mais alto e o mais fino prazer em apresentar á *élite* intelectual portuguesa o retrato do director dos muito queridos jornais de S. Paulo, *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, Ex.^{mo} senhor Olival Costa, vibrante e brilhante jornalista brasileiro que ocupa, na imprensa e na sociedade daquele amado pais, uma admirável situação de destacante independência.

A *Folha da Noite*, fundada há cinco anos, é um grande vespertino da magnífica capital do grande Estado de S. Paulo, e a *Folha da Manhã*, fundada há poucos mescs, rápidamente se impôz também. O Ex.^{mo} senhor Olival Costa, que fez as suas armas jornalísticas, durante longos anos, no grande jornal — um dos maiores e mais con-



O Ex.^{mo} Sr. OLIVAL COSTA

Vibrante jornalista brasileiro e grande amigo de Portugal

sideráveis do Brasil — O *Estado de S. Paulo*, é um soberbo director de jornal, tudo vendo, tudo prevendo, rodeando-se dos mais novos e scintilantes talentos, como Paulo Gonçalves, Correia Júnior, Plínio Salgado, Lellis Vieira, Filemon Assunção, Silveira Bueno, o caricaturista Belmonte, etc.

Grande amigo de Portugal, consorciado com uma distintíssima senhora portuguesa, no seu lar, ao único filho que possui, belo menino de dez para onze anos, todos chamam o «Português».

Permitimo-nos dar aqui êste traço, para nós tão cativante, da vida íntima do ilustre jornalista (liberdade de que lhe pedimos desculpa), porque, de facto, êle nos tocou, sensibilizadamente, o coração.

MARCELO TUPINAMBÁ



O GRANDE
MAESTRO
BRASILEIRO
MARCELO
TUPINAMBÁ

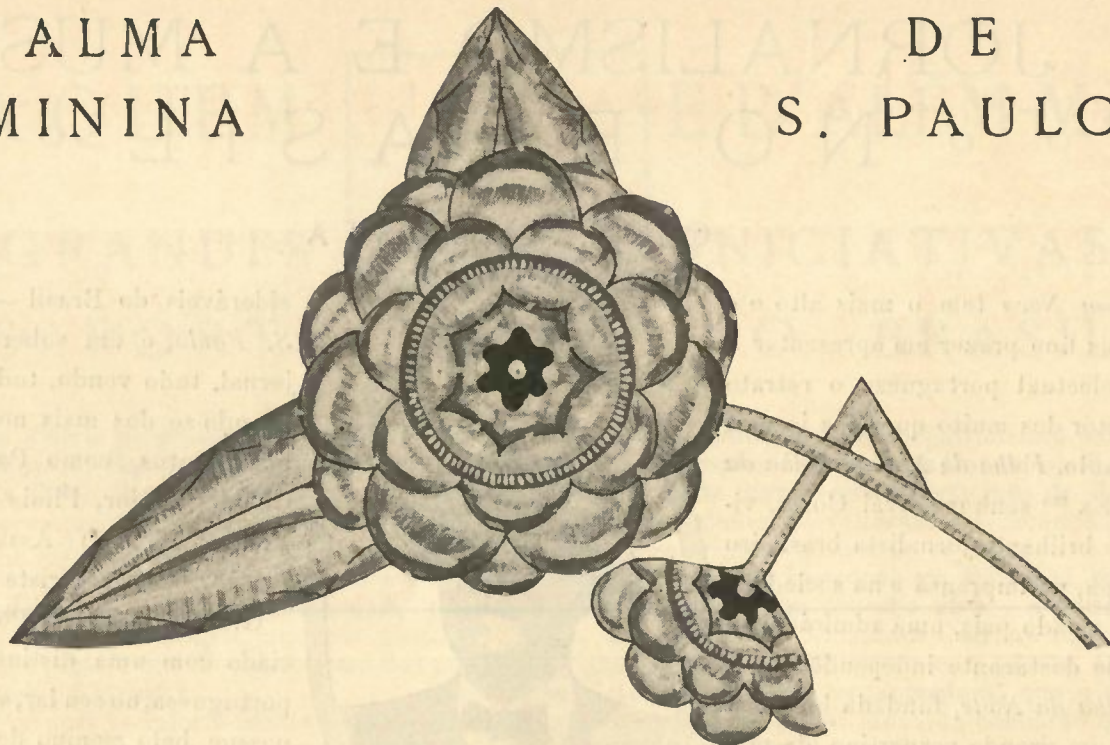
ÉIS um nome que todo o Brasil conhece e admira e que em Portugal já começa a pronunciar-se, mas que é preciso gravarmos bem na memória, como o de um bellissimo maestro brasileiro, cujas composições há muito todos no Brasil enaltecem e que por nossa parte nos cumpre também conhecer, inclusivamente convidando-o a vir a Portugal patentear a sua notabilíssima obra.

E há de vir até nós, Marcelo Tupinambá, temos fé, temos esperança. Está de novo tratando do assunto quem por isso muito se empenha e não costuma desistir dos seus intentos.

Só assim teremos um autêntico regalo musical; tanto mais que Marcelo Tupinambá se faz acompanhar duma excelente cantora intérprete das suas músicas e que êle acompanha ao piano. Há além disso projecto de que venha ainda acompanhado do notabilíssimo poeta e escritor teatral, Paulo Gonçalves, que fará conferências sôbre a música e a literatura
: : : : brasileiras : : : :



O DISTINTO
PIANISTA
E COMPOSITOR
BRASILEIRO
ALONSO ANI-
BAL

A' ALMA
FEMININADE
S. PAULO

AO PARTIR!

DEUSA da Graça da Beleza e da Harmonia!, venho depôr a
teus pés uma súplica fremente:

Vou partir, vou regressar a Portugal. Deveres sagrados,
os sagrados deveres do meu lar, dourado e perfumado por uma
pareela da tua Alma da Alma Feminina de São Paulo não me
permitem aguardar aqui a chegada dos estudantes da minha Pátria.

A' hora em que os primeiros que de lá virão — os da Tuna
Académica de Coimbra, — deslumbrados já pela imaginada, estontea-
dora perspectiva do Brasil, deixarem o estuário inolvidável do Tejo,
deixarei eu, pela décima nona vez, a maravilhosa Guanabara!

Alma Feminina de São Paulo:

Para todos êles peço o teu divino acolhimento!

Os primeiros que vão chegar, vêm, porém, da minha cidade
natal: de Coimbra! Vêm cantar-te e tocar-te os fados com que foi
embalada a minha meninice; vêm dizer-te as estrofes do Sonho e da
Paixão, que eu desejo sejam a minha derradeira sensação auricular!

Alma Feminina de São Paulo, fonte ubérrima de Graça, de
Belza e de Harmonia:

Quando chegarem e passarem sob as tuas varandas e janelas,
as capas e batinas da lendária Academia de Coimbra, derrama sobre
elas a luz do teu olhar celestial, as flores do teu angélico sorriso!

E á hora em que as suas guitarras, soluçando, acompanharem
a voz maguada dos que vêm eantar-te a elegia do Fado: á hora em
que a figura lírica de Menano, esguia como um choupo, se erguer
envolta nas dobras negras, elegantes, da sua eapa e batina, e
dos seus lábios irromper a carícia tristíssima das notas sentimentais
da Canção da Saudade, deixa que a tua alma — ó Alma Feminina de
São Paulo — comungue a Hóstia de Poesia imaculada e imaterial
daquela Raça de heróis e de tropeiros, que é em grande parte a tua
Raça, a Raça imortal da maioria dos teus avós!

São Paulo, Julho de 1925.

ALCANTARA CARREIRA.

*

O nosso novo camarada de direcção, saindo do Brasil no momento em que os estudantes portugueses partiam para ali, não quiz deixar o grande pais irmão de Além-Atlântico, sem dirigir á Alma Feminina de S. Paulo as belas palavras de emocionante ternura e profunda nobreza que damos acima e que os dois grandes jornais paulistas *Folha da Noite* e *Folha da Manhã* publicaram em lugares de honra.

A essa formosa súplica, juntamos os nossos mais ardentes votos, para que a *Tuna Académica de Coimbra* e o *Orfeão Académica de Lisboa* — no qual foi representando a *Alma Nova* o ilustre presidente do Nucleo de Ressurgimento Nacional, dr. Mannel Gomes dos Santos — continuem a ser acolhidos em todo o Brasil com os extremos de amizade indefectível e particular carinho de que o telégrafo nos tem informado. — M. M.

SOCIEDADE BRASILEIRA



Ex.ª SENHORA D. NOEMIA
:::NASCIMENTO GAMA,:::
PRIMOROSA "DISEUSE", DE S. PAULO



INSTANTANEOS

A vida moderna tem de ser observada rapidamente, impetuosamente, — com a velocidade de um instantâneo. A melhor arma do *reporter* passou, por isso, a ser o *Kodak*. Primeiras impressões, sínteses, «capitais» tipográficos, — eis tudo!

Uma revista com o título de *Alma Nova* não podia pôr de lado estes princípios.

São, portanto, simples notas de «reportagem», rápidas, muito ligeiras, adejando como pequeninas borboletas sobre a scara dos factos, sobre a vida que passa, enfim o que o leitor poderá vir nesta página encontrar.

Falamos de política :

Morna, sem interesse. Começou afinal o verão, que este ano parece ter vindo 4 mezes mais tarde, — e também começou o julgamento dos implicados na revolta do 18 de Abril. Parlamento fechado e representantes a banhos. Sossêgo, enfim . . .

E' provável que o governo do sr. Domingos Pereira continue a dar fruto... até ás eleições, se não começarem a revoltar-se contra a abundância os *Santos* da côrte esquerdista . . .

O Dr. Ginestal, entrevistado sobre a politica geral a seguir, disse há dias ao *Diário da Tarde* :

...«não é apenas do governo, seja qual for, que depende o podrem as eleições esclarecer o horisonte da vida politica».

— Com a proximidade do acto eleitoral — interveio o jornalista.

«Evidenciam-se, rigorosamente, dois velhos e antagonicos critérios, quanto á melhor distribuição das forças politicas do regime. De há muito que defendemos os grandes partidos, e cada vez mais nos convencemos de que o seu fortalecimento é a primeira condição para se regularisar a vida politica da Republica. E também sempre julgámos, e continuamos julgando, que em Portugal mais de dois grandes partidos de governo não podem existir.»

As nossas colónias de África :

Tornam a voltar-se as atenções dos estrangeiros para os nossos dominios africanos, não se pejando os interessados na campanha difamatória contra Portugal de se servirem da calúnia. E' indispensável que as atenções e o carinho pelo que é nosso, e sem o qual quasi nada somos, saibam, pois, mais que competir, desarmar todas as possiveis ambições.

Felizmente, três belas iniciativas portuguesas em prol das nossas colónias, podmos hoje registar : A primeira é a publicação do «Boletim da Agência Geral das Colónias», de que já saíram 2 grossos volumes de duzentas e tal páginas, cada, e as outras duas, a utilização do cinema na propaganda das riquezas e da vida social indigena, nas nossas colónias, e estabelecimento de dois prémios, um de 5:000\$00 e outro de 2:500\$00, para distribuir anualmente ás duas melhores obras literárias que tenham por motivo as nossa colónias.

Tudo isto conseguido apenas com o esforço admirável do distincto colonialista dr. Armando Cortesão, Agente Geral das Colónias, em Lisboa.

Como falaria Gago Coutinho :

Informam os periódicos que o governo português vai processar, por difamação, os americanos que nos acusaram de praticarmos a escravatura nas nossas colónias.

Gago Coutinho, conversando com o jornalista sobre o assunto, disse :

«e eu tivesse que falar por Portugal nessa sociedade recreativa que funciona em Genebra, faria o seguinte discurso : Afinal o que alguns dos senhores querem é uma maneira airosa para nos extorquirem as nossas colónias, de que directa ou indirectamente precisam. Só pela violência o conseguiremos e, nesse caso, como somos um pais pequeno demais para declarar guerra a nações como a Inglaterra, a França ou mesmo a Alemanha, podem ter a certeza que, enquanto houver portugueses, havemos de gritar tanto contra a violência que nos fizerem que o mundo inteiro nos ha-de ouvir. De resto, seria muito interessante que, no caso de nos considerarem indignos de ter colónias por não as sabermos administrar e por tratarmos mal os seus indigenas, se fizessem inquéritos imparciais á maneira como os outros paises, que tem colónias, as administram e tratam os seus indigenas, a vêr se, com maior fundamento, todos elles não ficariam sem elas. E se não quiserem encarregar os americanos de tais inquéritos, apesar da bossa especial que para tal têm, poder-nos-emos encarregar, nós portugueses, dessa missão. Que isto não há nada como falar claro...»

A Festa dos Mercados :

O *Diario de Lisboa* tomou agora á sua conta uma linda iniciativa — a realização da festa dos Mercados de Lisboa. Para ela chama a atenção e o concurso de toda a imprensa ; eis-nos. E com o apreçado colega, também gritamos :

«Prestigio á fruta, prestigio aos montes de feijão verde, prestigio á molhada de cravos, prestigio á galeria de peixes prateados e vermelhos, prestigio ás coisas humildes — que custam os olhos da cara, vá lá a nota económica do orçamento doméstico —, prestigio á graça, ao plebeismo orgulhoso, encanto do mercado !...»

Dentre as mais formosas varinas dos 15 mercados citadinos, será escolhida a que deverá ficar sendo a Rainha dos Mercados de Lisboa, e haverá concursos de trajes e de apresentação, com prémios aos melhores e mais lindos lugares de fruta, flores, peixe, aves e hortaliças.

As nossas capas :

A *Alma Nova*, desejando prestar homenagem ás mais distintas figuras das *élites* portuguesa e brasileira, vai iniciar a publicação duma série de capas ás mesmas dedicadas, com a reprodução das suas fotografias ou retratos especialmente desenhados por alguns dos melhores artistas dos dois respectivos paises.

A fotografia de hoje representa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Heloisa Teixeira, uma das mais gentis e prendadas figuras femininas da primeira sociedade da Baía (Brasil).

Bibliografia :

Livros e revistas, de que brevemente nos ocuparemos :

Elas sátiras escandalosas de A. M. d'Oliveira. Edição da Autor, Lisboa, 1925.

Verbo Austero, sonetos de Francisco Costa. Edição da A. M. Pereira — Lisboa. Capa de Martins Barata.

El Coutsultor Bibliografico, Publicação Mensal. Director J. C. Del Giudice. Redacção Madrid. Administração Muntaner, 378, Barcelona. Revista utilissima para livreiros e escritores, cujo 1.^o número appareceu em Agosto último. Nele é gentilmente transcrito da *Alma Nova* o artigo que o nosso director Mateus Morêno escreveu sobre a vida e obras de Fidelino de Figueiredo.

Portugal, grande illustração quinzenal dos portugueses no Brasil, dirigida por Rui Chianca. N.^o 46, 47 e 48.

Teatro e Letras, Revista Mensal, do Porto, dirigida por Armando Couto, Carlos Bastos e Jacinto Junior. O 1.^o n.^o, é bem colaborado.

Seara Nova, Lisboa, N.^o 50 e 51. Doutrina e Critica.

La Pensée Latine, Paris, N.^o 60. Traz uma secção portuguesa do sr. M. Pereira da Silva, em todos os números.

Esperança — Oliveira do Bairro, n.^o 3. Director Padre Agostinho Pires.

A Águia, Porto. — Directores Leonardo Coimbra e Antonio Carneiro. Edição da Renascença Portuguesa, N.^{os} 31, 32 e 33.

Frou-Frou, do Rio de Janeiro, e *Novissima e Terra e Mar*, de S. Paulo.



TIPO DE VARINA DOS MERCADOS DE LISBOA

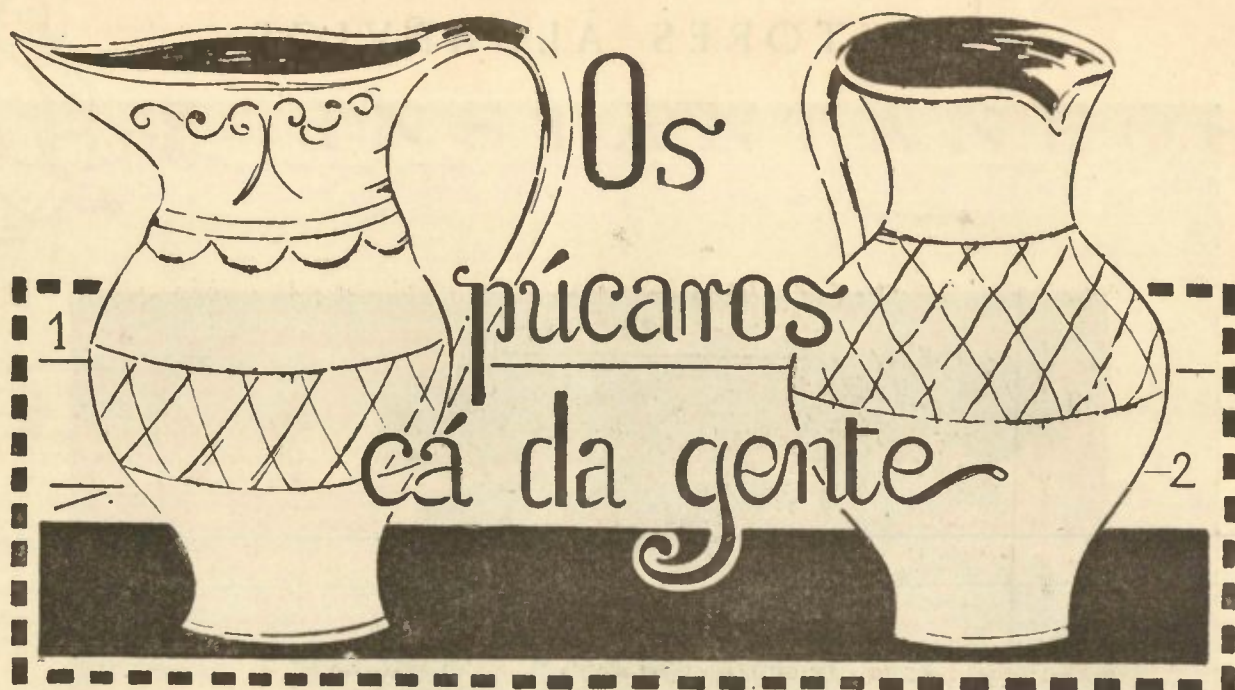
(Des. de D. Isaura Cava'he'ro)

PINTORES ALGARVIOS



: ALFARROBEIRAS : :
: : : : : DO MAR : : : : :
POR SAMORA BARROS
S. N. B. A. — XXII EXP., 1925

ARTE POPULAR PORTUGUESA :



Por LUÍS CHAVES
 Ilustrações de Saavedra Machado

... "barro vermelho misturado de branco, do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quais costumam beber os fidalgos e até o próprio rei."

ALEX. HERCULANO, *Opusculos*, VI, 71.

SE a afinidade dos nossos cântaros, cântaras, infusas e bilhas com as *amphorae* romanas ó grande, não é menor a do nosso vasilhame pequeno. Por certo os modelos maiores foram os mais importados, sendo os que mais lucro davam na olaria comum, — *opus do-liare*. No entanto, por essas necrópoles luso-romanas, como a do Marco de-Canavezes, a de Guilhabreu (Vilado-Conde), ou as da Aramenha, Alandroal, Aljustrel, Balsa (Tavira), etc., surge do chão um verdadeiro museu de modelos romanos de porte miúdo.

Não se pode distinguir o que ó obra indígena e mercadoria exótica, a não ser por estudo especial da matéria prima. Antes da colonização romana, tinham os povos peninsulares a sua cerâmica própria, correspondente ás necessidades e condicionada pelos barros, técnica e suficiência artística. Até que ponto foi ela influenciada pela olaria dos invasores, primeiro comerciais, depois militares, quando o próprio César explorava por sua conta o fabrico e a colocação dos artefactos de vasilhame?

Muitos de êsses púcaros de tam variadas formas, que em Portugal se fazem e usam, podiam dizer-se torneados pelos oleiros que deixaram os vasos das necrópoles.

A nossa louçaria corresponde á dos Romanos no aspecto externo, classificado por Marquardt. Tiveram êles a louça *vermelho pálida* (*brun-jaune*) do vasilhame graúdo (*dolia e amphorae*), — *vermelha*, mais ou menos carregada, de que faziam baixelas de preço, — a louça *parda*, para vasilhame do cozinha, e — louça *negra*. As louças vermelhas e as negras foram muitas vezes cobertas de um verniz especial, luzento e característico, espalhadas no Lácio e Etrúria; ou decoravam-nas frequentemente de relevos; mas estas, no entanto, só entraram na moda depois da expansão das baixelas de metal,

que se serviram dos modelos das de barro; eram as luxuosas *terrae sigillatae*.⁽¹⁾

Também, como é natural, as nossas louças modernas variam muito de aspecto, desde o vermelho pálido do Prado, das Caldas-da-Rainha, ao vermelho intonso de Mafra, de Extremoz ou de Loulé, ou desde certos barros mais pardos, como os de Lisboa, até os negros de alguns locais dos districtos administrativos de Aveiro e Coimbra, do Prado (Tijosa e Parada-de-Gatim), de Chaves (Vila-de-Nantes), (de Tondela na Beira), etc. Umás são alisadas e polidas (Barcelos, Extremoz), outras esmaltadas (Caldas, Mafra, Coimbra, etc.), com relevos, com desenhos, ora riscados (*esgrafitos*) ora pintados a óleo. Ainda ficam outras em bruto, leve e primitivamente ornamentadas por vezes, sem decoração alguma quasi sempre.

Do vasilhame de porte miúdo fazia o oleiro tudo quanto correspondia a uma necessidade: — *catinus* ou *catinum* (deminutivo de *catillus* ou *catillum*), escudelas, terrinas, pratos covos, para refeição o cozinha; — a *patina, parva*, espécie de malga de bordos pouco erguidos, para carne e peixe; — o *discus*, prato ou bacia de forma circular; — a *patera*, taça desprovida de asas e de pé, para libações; a *cortina, olla, chytra*, vasos de cozinha, panelas variadas. Semelhantes a todas estas formas, fazem os nossos oleiros de hoje o seu vasilhame pequeno.

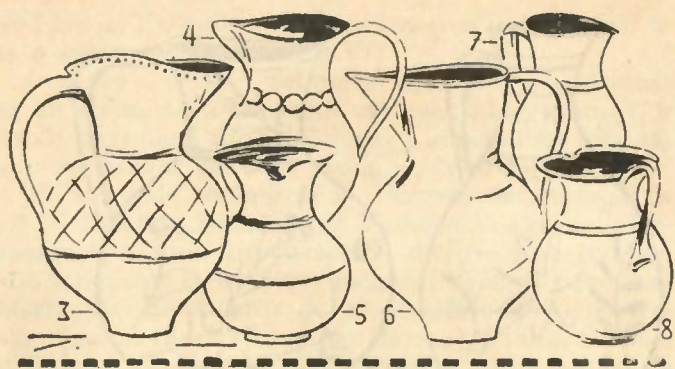
O mais elegante e numeroso de todos os modelos, na sua infinidade de formas era então como hoje a ânfora pequena, miniatura da *amphora*, bojuda ou esguia, enorme, mais ou menos fantasiada no *cantharus*⁽²⁾ com duas asas, para beber, que tem similar em certos púcaros biasados da



Pucarinho de barro
 com enfeites

(1) Marquardt, *La vie privée des Romains*, II, 310.

(2) *Guide to the Greek and Roman Antiquities* — British Museum — Londres, 1908, p. 161-162.



Extremoz; outros vasos miúdos para líquidos tinham uma asa só, como o *aenophorom*. Correspondem todos aos nossos *púcaros*, mais ou menos esguios, mais ou menos obesos, com ou sem asas, os bordos amolgados por três dedadas, que um dia dariam o bico, e este, quando muito desenvolvido em comprimento, iria dar ao púcaro o nome de *bicado*, como na forma algarvia de Loulé (fig. 6).

O oleiro é, como o antigo, o mesmo Sisifo agarrado á roda, a rodar, a rodar, o barro em cima a tomar forma, esbelteza, gracilidade, e saindo-lhe das mãos grossas verdadeiras obras primas de beleza. Os púcaros são, na sua variedade infinita e na sua elegância donairoza, as mais lindas peças da nossa olaria.

O barro é triturado na *pia* feita da concha cavada na raiz da grande árvore; serve-se o oleiro de um maço de madeira para o triturar, que chamam no Alentejo o *pico* ou *mascoto*; é passado por um crivo de pele de chibo ou carneiro, e vai a amassar na *masseira* ou *masseirão* de pinho. Daqui é atirado para a *roda* ou *tôrno* com a sua *rodeira*, *eixo* e *rodalho*, ou *rodisio*, *quisso* e *tampo* ou *tabuão*. O pé ou sentado na frente do tôrno, o oleiro faz andar a roda com o pé sôbre o *trabulo* da alavanca, ou impulsionando a roda com a mão esquerda ao passo que a direita vai dando a forma ao bloco de barro, colocado no *rodalho* ou *tampo*. Uma vez acabada a obra, é posta a secar em taboleiros, e depois vai ao forno de tijolo e pedra com uma fornalha inferior, até mesmo subterrânea, onde coze e toma côr.

E êle aí vai, o púcaro gentil, correr mundo, de mercado em mercado, para fazer serviço nas talhas, nos cântaros de onde tira água, para a receber de bilhas e infusas, onde não cabe, andando de mão em mão e de bôca em bôca a prodigalizar se. Vai ao campo com as merendas e jantares do trabalhador. Vai á taberna fazer companhia ás canecas vidradas, aos púcaros de folha e aos copos de vidreira espessa.

A graça com que o pucarinho miúdo poisa no prato do asado de Coimbra! Uma estátua maternal



com um pedacito de barro, dir-se ía símbolo da família na casa onde também serve! Cantareira aberta na parede teria de ser o nicho, em que, emblema da lareira, se resguardasse na lide caseira e se oferecesso á oração pequenina da gente.

Levam as môças o pucarinho á fonte, e canta-lhes a glória, a elas, as castiças canéforas de cântaro á cabeça, o vilancete de Rodrigues Lobo (1), irmão de ess'outro de Camões, filho da mesma Musa, ambos dedicados a essa «Leonor, formosa não segura».

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha soqueixada.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha;
Com hũa sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha.

Nos moinhos põem os moleiros pucarinhos pelas cordas da vela; ecôam ao vento em uma ressonância de côro do trabalho, enquanto a vela á volta com o vento os vai enchendo de cantar; e tudo om redor



sabe que o moinho trabalha. Assim como os cântaros pequeninos, graciosos e risonhos, tem na alma varonil do povo um enternecimento feminino e se chamam *cantaras*, *cantarinhas*, também estes púcaros miúdos, de colo curto, largo, bordo ténuc, quási brinquedo na labuta das mãos, são *pucarinhos*. Por opposição, *púcaras* também são púcaros grandes de ir ao fogo (2).

Era o pucarinho baixela antiga na mesa dos ricos, chegava á dos Reis, como os nossos, que sôbre as taças de ouro e prata davam preferência aos pucarinhos da sua terra. Desenvolvido o luxo cosmopolita do Renascimento, enriquecida a nação, ainda aos lábios dos Reis chegava o sabor delicioso dos púcaros de Portugal.

Quem não lembra o episodio de D. João II, nos Paços Reais de Évora, com o guerreiro Pedro de Melo? Ainda há poucos anos o veio recordar João Grave aos esquécidos, no *Reinado Trágico* (3). D. João pedira de beber. Pedro de Melo trouxe ao Rei um púcaro cheio de água, sôbre uma salva, como soía de ser; com a perturbação de quem mal pisava ainda os chãos do paço, deixou cair o púcaro, e derramou-sc-lhe a água no chão. O desastre canhestro despertou hilaridade na assistência dos cortezaos. E o Príncipe Perfeito, com uma ironia

(1) F. Rodrigues Lobo, *As Eglogas*, ed. de 1605, «Egloga X», fl. 110.

(2) Cfr. nomenclatura antiga por Manuel Bernardes, *Luz e Calor*, p. 376.

(3) João Grave, *Reinado Trágico*, Porto, 1915, p. 217. — D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Algumas palavras a respeito de Púcaros de Portugal*, Coimbra, 1921, p. 11.



heroica, bateu os com o olhar seguro, exclamando com desdém: — «De que vos rides, senhores? Ainda que lhe caísse agora o púcaro, olhai quo lhe não caiu nunca a lança da mão.»

*

Havia outrora grande fama para alguns púcaros, como os de Lisboa, Montemor, Pombal, e sobre todos os de Extremoz, entre todos os mais notáveis.

Aos de Extremoz celebraram-nos Lope de Vega, Francisco de Quevedo, Bellini, Desmarais e Magalotti (sec. XVIII) (1). Viu-os João Baptista de Castro em Roma no Museu do Padre Kirker, no colégio da Companhia de Jesus; o mesmo cronista afirma tê los visto nos gabinetes de monsenhores e príncipes de Itália, «onde constituem não pequeno adorno» (2). Quando o Cardeal Aloxandrino veio a Portugal, os púcaros de Extremoz apareciam sempre, por êles El-Rei D. Se bastião bebia, e êlo muito se aprazia em acompanhar S. M.; eram de um barro «subtilíssimo e luzidio», dizia Venturini ao referir-se a êles na descrição da viagem do Cardeal na nossa terra (1571) (3).

As *Memorias Parochiaes de 1758* (tomo XIV, p. 724) referem-se de esta forma aos nobres púcaros da vila alentejana: — «Não são menos celebres os seus finos e odoríferos barros, «cujos pucaros e outros vasos são «estimados em toda Europa, e na «Italia servem de ornato aos gabinetes dos Cardeaes, e Príncipes, «alguns medicos (não soi se com «bom fundamento) pretenderam «descobrir nelles a vertude Bu- «zuartica».

Mas não foram apenas os púcaros de Extremoz os únicos conhecidos lá fóra. A' correspondência do primeiro Marquês de Niza com D. Vicente Nogueira, que ostava em Roma, pertence

uma carta de 20 de Outubro de 1647, com alusão a uma remessa de um «caixão com pucaros de Extremoz e da Maia». (4)

Duarte Nunes de Leão (sec. XVI-XVII) refere se aos púcaros de Lisboa, aos de Montemor-o-Novo que «nunca sam velhos», Sardoal, Pombal e Extremoz (5). No *Mappa de Portugal*, João Baptista de Castro, a seguir aos púcaros de Extremoz, fala dos de «Lisboa chamados da Maya, ou do Romão, feitos com «summa delicadeza, e formosura, especialmente aquelles, a que chamam de aletria, de um barro tambem «odorifero, com os quaes já lhe achou uma bella analogia o discreto Camões, para comparar as formosas «damas lisboucenses» (6). (Camões, *Carta* 1). Depois refere-se aos púcaros de Montemor-o-Novo, Aveiro o Pombal. (sec. XVIII).

Para so não supôr que êstes púcaros da Maia se referem a designação geográfica, deve-se dizer que a sr.^a D. Carolina Michaëlis provou que o nome da louça ora devido, por qualquer derivação popular, a uns oleiros *Maias*, como, a par, era a outra de um *Romão* da freguesia lisbonense de N.^a S.^a do Monte (Calçada de Agostinho de Carvalho, á Bombarda) (*Pucaros*, pag. 31-41).

No inventário da Imperatriz D. Isabel, filha de D. Manuel, viuva de Carlos V, figurava uma colecção estimada de púcaros portugueses de Montemor-o-Novo: — «17 pucaros de Montemayor, outra «pieza grande que es un jarro «grande de Montemayor; otra pie- «za grande de Montemayor, a «manera de botija»... (7) A filha da Imperatriz, esposa do Príncipe D. João de Portugal, levou para Castela púcaros de Montemor, Lisboa e Extremoz... (8) «made

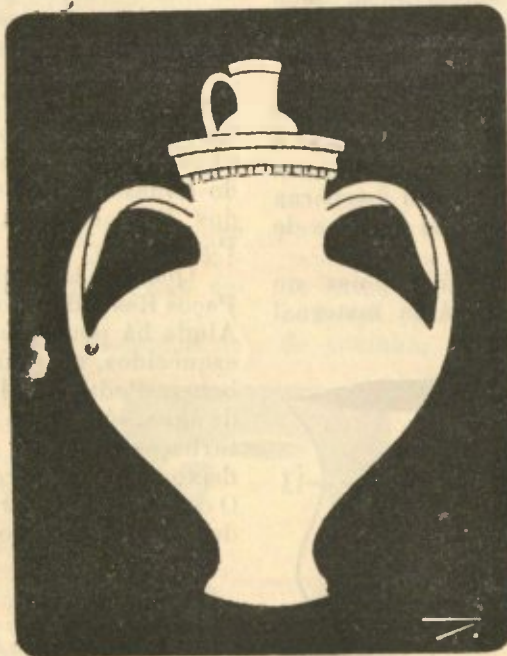


Fig. 22 — «Asado», de Miranda-do-Corvo

(1) José Queiroz, *Ceramica Portuguesa*, Lisboa, 1907, p. 3.

(2) João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, I, 175.

(3) Alexandre Herculano, *Opusculos*, VI, p. 93.

(4) Este estudo da correspondência do 1.^o Marquês de Niza, foi feito pelo dr. Ramos Coelho, e a êle se refere José Queiroz, *Ceramica*... p. 3-4.

(5) Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, LIX, 1610, fl. 47 v.

(6) J. Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, I, 109.

(7) Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Algumas palavras a respeito dos pucaros de Portugal*, 1921, p. 15.

(8) C. Michaëlis de Vasconcellos, id. id.

«at Lisbon, Extremoz and Montemayor in Portugal.. » diz o seu inventário (séc. XVI).

O padre Carvalho refere-se com elogio aos púcaros de Montemor, semeados de pedrinhas brancas, e aos de Extremoz «de artificiosas e engenhosas formas, muy celebradas em todo o reino», (séc. XVIII). (1)

No seu belo trabalho dos *Pucaros de Portugal*, a sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos reúne informações de toda a ordem acerca do uso e aprêço dos nossos púcaros através dos séculos; enchem nos essas informações de púcaros do Montemor-o-Novo, Extremoz, Lisboa (da Maya ou do Romão), Prado, Caldas-da-Rainha, Chavos, Sardoal, Pombal; são porém de maior contingente bibliográfico os do Extremoz, Montemor e Lisboa.

*

As formas variam dentro de cada região, podendo reduzir-se a um número limitado de modelos. Estes, como acontecia com as louças romanas, facto já mencionado, também eram reproduzidos pelos ourives de prata, conforme se vê para peças maiores e outras menores («lmoia, albarrada, jarra, almarrawa) em Inventários, Doações e Testamentos; v. gr no Inventário de El Rei D. Manuel havia um «púcaro de prata branca com asa»; no de um Arcebispo de Braga mencionava-se um «bacio de púcaro» redondo (séc. XVI) (2).

«Nenhum outro povo sabe tornejar na roda do oleiro com mais esbelteza e mais puro atticismo o pote ou a bilha, a pucara, o gomil e o pichel, de Coimbra, do Prado, de Mafra, de Redondo, de Loulé», — escreveu Ramalho Ortigão. (3)

Usava-se antigamente o púcaro e cantarilha decorados de uns sulcos riscados fundo mais ou menos pictiformes, e semeados de pedrinhas de calcáreo branco. Fôra também o «púcaro de Extremoz pedrado por dentro cõ serpinha no meio, feita do mesmo barro» das «talhas vermelhas como sangue» o atesta Francisco de Moraes (séc. XVI) (4), ou «pedrado por dentro, com serpe ou cobra no fundo», na expressão poética de Camões, completada pela água a chiar lá dentro com um murmúrio do regato que delisa sôbre seixos (5). Na talha pedrada fala o Crisfal (Estrofe 70), canta-a Rodrigues Lobo (Égloga X). Com uma talha pedrada ia pelo caminho de cima a «Lavradeira do Airó» (séc. XVII) (6). A «lavradora do Airó, chamava-se Leonor e ia «para a fonte buscar água»

com hũa talha apedrada
pucarilha de Extremoz. (p. 3)

Chegada á fonte

põ de parte o pucarinho
começa a lavar a talha. (p. 5)

E canta:

«O meu pucarinho Nem se gabe ninguém
com que agora venho, que bebe por êle,
vede como he lindo, que o meu pucarinho
de barro vermelho. só para mim serve. (p. 5)

Inda que tem asas,
a ninguém dá azos,
poga-se nos beiços,
cheira como barro. (p. 6)

Já Duarte Nunes do Leão se referira aos púcaros de *Montemor-o-Novo* «amassados com muitas pedrinhas, — que parece que sam tantas as pedras como o barro», — e aos do *SarJoal* «de barro grosseiro & semeado «de algumas pedras mais grossas quo as dos de Montemor», — e aos de *Pombal* «quase da mesma feiçam», — e aos de *Extremoz* «semeados de pedrinhas tam miúdas que parece area que com hũas pedras brancas «mais grossas que lhes põe em que se quebra a agoa, «são muito appraziveis; porque cada púcaro fica pa- «recêdo hũa fonte». (1)



O pucarinho de barro, vulgar

Esse mesmo enfeite se usa ainda entre os oleiros de Extremoz e do Prado. A massa da argila, ainda fresca, é riscada de desenhos geométricos, embutindo-se-lhe então pedras miúdas nos cruzamentos dos traços.

Em geral tem os púcaros a forma de pequenas ânforas de corpo elipsoidal, pouco alongado, ou sensivelmente esférico, de galba elegante, sôbre um pé alto ou numa base chata, e com uma asa, o colo gracioso, bocal circular ou guiado a terminar em bico á frente ou ao lado. Aparecem porém modelos cilíndricos (Redondo, Barcelos) levemente bojudos perto da base; outros são taçazinhas ou panelinhas de uma asa *púcaras* e *pucarilhas* ou *pucaritas* (Lisboa, Coimbra, Visalhães) e muito empregadas no cordame dos moinhos

Ainda hoje se faz em Extremoz um púcaro com o feitio do *cantharus*, de duas asas, que se vê a cada passo nas mãos de Baco, dos Sátiros e de outras personagens do cortejo orgiaco; era utilizado nas libações dos banquetes (2). Bocal largo, asas desenvolvidas na horizontal do bordo, é uma pura revivescencia grega, um dos «puros galbos gregos», que Fialho de Almeida sentia na cerâmica popular de Extremoz (3). Seria a êste modelo que Venturini se reforia quando, ao fazer a descrição da viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal, falava de «un jarro chamado na língua portu- «guesa púcaro, do feitio de uma urna antiga», de barro de Extremoz, por onde El-Rei bebeu seis vezes? (4) E' possível, até mesmo pelo tamanho de um palmo que com o pé alcançaria, e o italiauo lhe atribuiu.

Quanto ao aspecto facial, o púcaro é rude, sem trato posterior à cozedura; ou alisado e brunido como em Extremoz (barro vermelho) e Vilar-de-Nantes (barro negro); ou esmaltado quer interna ou externamente (Caldas-da-Rainha, Redondo), quer só internamente (Redondo, Viana-do-Alentejo, onde o vidrado é feito com pêz), e só até o galbo, externamente (Prado).

(1) P.^o Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, 1708, II, p. 431 e 444

(2) *Provas da Historia Genealogica*, I, p. 574, II, p. 348, 447, 448, 449; Joaquim de Vasconcellos, *Historia da Arte*, II, p. 9.

(3) Ramalho Ortigão *O Culto da Arte em Portugal*, p. 118.

(4) Francisco de Moraes, *Dialogos*, incorporados na ed. do Palmeirim de Inglaterra, 1624, «Dialogo III» entre uma regateira e um moço de estribeira, folha 31 v.

(5) D. Carolina Michaëlis, *Pucaros*, 1921, p. 19.

(6) António de Villas-Boas e Sampaio, *O Auto da Lavradeira do Airó*, 1841, p. 3.

(1) Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, cap. XXIII, ed. 1610, fl. 48.

(2) Macrobio, *Satyras*, V, 21. — *Museo Capitolino*, IV, 30.

(3) Fialho de Almeida, *Saibam Quantos* . . . Lisboa, 1912, p. 139.

(4) Alexandre Herkulano, *Opusculos*, VI, 93.

Esso esmalte é lançado sobre a parto avivada de vermelho (Prado, Mafra), verde (Caldas, Redondo), amarelo (Caldas, Loulé), ou manchada de diversas côres (Loulé).

São despolidos (Visalhães, Prado), ou apenas polidos por atrito, brunidos com a *pedra china*, seixo brunidor, manuseado pelas *lambedeiras*, operárias das olarias de Extremoz; são outros decorados de traços mais ou menos primitivos, como linhas ondeantes, nós seriados, entrançados, os *dents-de-loup* conhecidos pelos pesquisadores da pré-história, xadresados, etc., tudo traçado na pasta a risco. Na louça extremocense os vasos são polidos pelas «lambedeiras» e depois decorados a esgrafito, com estilização de flores e folhas, simétricas ou em série, feitas a ponteiro no recorte e riscadas na superfície.

Em Coimbra, Extremoz, Barcelos, onde se usa esta louça brunida e decorada a esgrafito, vêem-se por vezes desenhos mais complicados de corações floridos, rosáceas, volutas decorativas, entre molduras a risco de ondas, bambolinas, cadeias de elos iguais ou alternados, ou entre simples faixas polidas.

As decorações lineares são feitas a óleo amarelo, na louçaria de Guimarães, e depois cobertas de esmalte, como em Mafra, o que dá a estes púcaros, já de forma esbelta, um caracter particular com a decoração de traços e curvas, cadeias, amarelas no barro vermelho, avivado de almagre.

Com um ou outro característico especial, como os *bicados* de Loulé, com a região, com a medida que servem, ou simplesmente com as diferenças de tamanho, os púcaros tomam nomes sucessivos: *púcaros*, *meios púcaros*, *pucarinhos*, *púcaras*, *pucarinhas*; púcaros grandes para água, outros menos grandes para vinho; (*Posturas de Evora*, sec. XIV) (1); *púcaras de 3 arrátéis*, (litro e moio) *púcaras de agua* (1 litro), *pucarinhas pequenas* (meio litro), *pucarinhos pequenos para moços* (decilitro ou quarteirão), (*Posturas de Evora*, reinado de D João I); púcaros de quartilho, meio quartilho ou outros menores (*Taxas de Lisboa*, 1611).

LUÍS CHAVES.

¹ Gabriel Pereira, *Documentos Historicos da cidade de Evora*, 1885-92, p. 143, 144, 181.



SUMÁRIO DAS FIGURAS

- 1 — *Molelos* — Tondela (Beira-Alta : barro negro, mal polido, decorado de risco, brilhante, a crú.
- 2 e 3 — *Prado* — Guimarães (Minho) : barro vermelho vivo, vidrado por dentro, e por fóra até o bojo, decorado de amarelo a óleo.
- 4 — *Mafra* (Extremadura) : barro vermelho, vidrado, decorado de amarelo.
- 5 e 8 — *Vilar-de-Nantes* — Chaves (Trás-os-Montes) : barro negro, liso, riscado a ponta em fresco.
- 6 — *Loulé* (Algarve) : «bicado» de vidramento branco ou amarelo sobre barro vermelho de sangue coagulado; manchas azuis, verdes ou amarelas, grandes.
- 7 — *Caldas-da-Rainha* (Extremadura) : barro vermelho, vidrado só por dentro.
- 9 — *Barcelos* (Minho) : barro branco-cinza, vidrado interiormente e por fóra até o bojo, gola listrada de verde e cor de tálha.
- 10 — *Visalhães* — Vila-Real (Trás-os-Montes) : barro negro, liso ou despolido.
- 11 — *Mafra* (Extremadura) : barro vermelho, pintado de branco, vidrado, decoração de palmetas verdes.
- 12 — *Miranda-do-Corvo* (Beira-Marítima) : barro vermelho, despolido ou alisado à pressa.
- 13 — *Lisboa* (Extremadura) : barro vermelho, todo vidrado.
- 14 — *Caldas-da-Rainha* (Extremadura) : barro vermelho, vidrado de verde, amarelo-azul ou vermelho.
- 15 — *Barcelos* (Minho) : barro cinza ou vermelho pálido, sem vidrado e mal polido.
- 16-17 — *Extremoz* (Alentejo) : barro vermelho, polido, decoração riscada.
- 18 e 21 — *Id.* : barro vermelho, despolido, decoração de «espinha» a fresco, com pedrinhas embutidas na pasta.
- 19 e 20 — *Id.* : barro vermelho, polido, riscado como nas figs. 16-17.
- 22 — *Miranda-do-Corvo* : «asado» de barro vermelho-pálido, riscado com decoração, e com púcaro para beber, sobre o prato que tapa o «asado».

- 1.º Baterias de Infantaria.
- 2.º Artilharia de Combate próximo.
- 3.º Artilharia de Combate afastado.
- 4.º Artilharia de grande calibre e potência.

Segundo o recente Regulamento de Artilharia Alemã, a *Artilharia dum Exército mobilizado* distribue-se nos seguintes Escalões táticos:

Os alemães, que no início da grande guerra tinham quasi toda a sua *Artilharia* em quadras nas Divisões, desde os menores aos maiores calibres, viram-se forçados a reconhecer as vantagens da organização francesa, e desde as *operações de Riga*, em 1917, começaram a distribuir a sua Artilharia nos 3 escalões acima indicados.

A Artilharia do Exército tem a seu cargo as missões de conjunto e as acções a grandes distâncias.

As múltiplas missões que incumbem à Artilharia no Combate moderno podem agrupar-se em 3 categorias principais, a saber:

A Artilharia de Corpo do Exército tem a seu cargo, especialmente, as missões de *Contra-bateria* e de *Interdicção*, acções de

ração com a Infantaria.

categoria, que exigem uma íntima colaboração com a Infantaria.

A Artilharia Divisionária, fazendo parte do primeiro escalão, que dispõe de todas as armas, tem a seu cargo as missões da 1.ª

A estas 3 categorias de missões atribui-se as *Artilharias dum Exército*, correspondem os 3 escalões em que é normalmente dividida: *Artilharia Divisionária*, *Artilharia de Corpo de Exército* e *Artilharia do Exército*.

As múltiplas missões que incumbem à Artilharia no Combate moderno podem agrupar-se em 3 categorias principais, a saber:

- 1.º Acompanhamento e protecção de Infantaria.
- 2.º Contra-bateria.
- 3.º Tiro sobre as comunicações inimigas e sobre objectivos particulares, ou fortemente protegidos, ou a muito grandes distâncias.

As múltiplas missões que incumbem à Artilharia no Combate moderno podem agrupar-se em 3 categorias principais, a saber:

ORGANIZAÇÃO DA ARTILHARIA NUM EXÉRCITO MOBILIZADO

a) — ARTILHARIA DIVISIONÁRIA

A Artilharia Divisionária tem a seu cargo, como acabamos de indicar, as missões que interessam directa e exclusivamente à sua *Divisão*, e dentro da respectiva zona de acção; missões que consistem: no *acompanhamento e apoio directo da sua infantaria*, para o que terá que actuar sobre as tropas e engenhos de acompanhamento inimigo e sobre obstáculos do campo de batalha (rêdes de fio de ferro, outras defezas acessórias, obras francamente protegidas, etc.), e ainda missões de *contrabateria* e *interdicção* a pequenas e médias distâncias.

Para o desempenho destas missões, a Artilharia divisionária fracciona-se, geralmente, em 3 escalões, a saber:

1.º Escalão — Artilharia destinada a acompanhar a Infantaria com o seu fogo, e uma parte dela até mesmo com o seu material, para destruir ou neutralizar os obstáculos que sucessivamente, e por vezes inesperadamente, lhe vão surgindo no seu avanço, e que para êsse efeito é posta momentânea ou permanentemente sob as ordens dos *Comandos de Infantaria*, e cuja proporção depende do número de *Batalhões* empenhados.

PROCESSOS DE ACÇÃO DA ARTILHARIA NO COMBATE MODERNO

O desenvolvimento da *Acção da Artilharia* no decorrer do combate moderno é resumidamente coodernado pelo Regulamento Francês, nas seguintes alíneas:

NA OFENSIVA

1.º — Eventualmente, uma *acção preliminar* sobre os órgãos de defesa do inimigo (baterias, organizações defensivas, comunicações, etc.) destinada a destruir os seus órgãos de tiro, a enfraquecer a capacidade de resistência do pessoal e impedir a sua manobra e o seu reabastecimento.

2.º — Uma *acção de acompanhamento pelo fogo*, precedendo imediatamente a progressão da Infantaria e dos Carros de Assalto, com o fim de os mascarar ás vistas dos observatorios adversos e permitir-lhes aproximarem-se do inimigo antes que êstes possam fazer uso das suas armas.

3.º — Uma *protecção do ataque* aplicada a todos os pontos do terreno d'onde o Inimigo possa *observar* ou *actuar* pelos seus fogos, ou ainda lançar um *contra-ataque*.

NA DEFENSIVA

1.º — *Acções preventivas* (que constituem a *preparação ofensiva*) executadas por meio de *comuniicações* de fogos destinados a deslocar o inimigo e que compreendem:

com a massa dos seus fogos.
estreita ligação, com o fim de apoiar este
com os quais deve estar em constante e
correspondendo aos *sectores de Infantaria*,
dividida em *Grupos* e *Sub-grupos*, mas
Comandante da Artilharia Divisionária, mas
2.º *A maior parte*, depende também do

(Corresponde à *Artilharia de Apoio Directo*
propriadamente dita do Regulamento Francês).

1.º *A menor parte* (em geral), eventual-
mente a disposição dos Comandos de In-
fantaria e destinada a apoiar a progressão
da Infantaria, mas devendo conservar-se
agrupada e em ligação com o *Comandante*
da Artilharia Divisionária, para imediata-
mente voltar ao comando d'este, quando
seja necessário effectuar *concentrações de fo-*
gos.

A Artilharia de Combate próximo, su-
bdivide-se por sua vez em 2 *escalões* :

As Bacterias de Infantaria acham-se
acompanhadas nos *Regimentos de Infantaria*,
go no Campo de Batalha, e traccionando-se
por *seções* ou por *peças*, segundo as cir-
cunstanças.

operam ou pelas circunstâncias tacticas.
riagões impostas pela necessidade dos *Escalões* em que
Esses *grupos*, geralmente constituídos por 3 ou 4
objectivos.
a natureza e grau de resistência ou de protecção dos
permittindo assim graduar os effectos de potência conforme
de características, calibres e potências muito diversas,
nadas a desempenhar missões analogas, mas muitas vezes
escalões em *grupos* constituídos por unidades desti-
— A necessidade de *articular a Artilharia* dos diferentes
— A luta contra os objectivos activos.
— A luta contra os carros de assalto.
— A contra-preparação offensiva.
— As Barragens, fixa e rotante.
— A Veladura com granadas fumígenas.
— A Injecção com granadas de toxicos persistentes.
— A Neutralização com granadas de toxicos fugazes.
— A Protecção.

a) Tiros sôbre as organizações defensivas, abrigos, Pra-
ças d'armas, Postos de comando, Observatorios, Centrais
telefônicos e vias de acesso ;

b) de contra-bateria.
2.º — No momento em que o ataque inimigo se desen-
cadeia, fogos dirigidos por toda a Artilharia sôbre a In-
fantaria adversa, carros de assalto e artilharia e engenhos
de acompanhamento.

Para o cabal desempenho desta comple-
xidade de missões que hoje incumbem á
Artilharia no Campo de Batalha, e para o
que ela dispõe, pode dizer-se, de bôcas de
fogo de todos os calibres e potências em
farta quantidade, impõe-se á Artilharia o
seguinte :

1.º — *Um escalonamento em profundidade*, variável com
a situação tactica, mas indispensável, em todas as circuns-
tâncias, visto não só ampliar extraordinariamente a zona
de acção eficaz dos seus fogos, reduzindo os espaços mor-
tos, mas ainda facilitar os renunciamentos, aproveitar
melhor as propriedades características dos diferentes ma-
teriais, tornar menos frequentes as mudanças de posição,
etc.

2.º — Adopção de várias *espécies de tiro*, que lhe ga-
rantam um máximo de efficácia no desempenho dessas va-
riadas missões, das quais as mais importantes são :

- O Acompanhamento imediato da Infantaria.
- A destruição do pessoal.
- A destruição dos obstáculos materiais.
- A Contra-bateria.
- A Interdicção.
- O *harcèlement* (importunamento).

(Corresponde á *Artilharia de Acção de*
Conjunto do Regulamento Francês).

A Artilharia de Combate afastado, tam-
bém se subdivide em 2 *escalões* :

1.º *Uma fracção dependente do Comandante*
da Artilharia Divisionária e encarregada,
principalmente, da *luta de artilharia*.

(Corresponde á *Artilharia pesada divisto-*
nária do Regulamento Francês).

2.º *A restante Artilharia de Combate afas-*
tado, dependentes do *Corpo de Exército* e
destinada ás missões longincuas e aos flan-
queamentos.

(Corresponde á *Artilharia do Corpo de*
Exército do Regulamento Francês).

A Artilharia de grande Calibre e po-
tência, depende em geral do *Comando do*
Exército e é destinada a missões especiais
sôbre a rectaguarda das linhas inimigas.

(Deve corresponder á *Artilharia de Exér-*
cito do Regulamento Francês).

NOTAS



DO MÊS

A *Alma Nova*, cuja irradiação era já apreciável em Portugal e no Brasil, passa desde este número a ser vendida em todas as cidades de Portugal, em todas as capitais dos Estados Unidos do Brasil e suas principais cidades, e em New-York, Londres, Paris, Roma e Madrid. Estas quatro últimas grandes capitais serão brevemente visitadas por um dos nossos directores. A *Alma Nova* não quer fazer promessas, porque os seus directores, sendo homens de acção, preferem realizar a prometer; mas os nossos leitores vão assistir á sua rápida evolução, com praser e com surpresa, estamos disto absolutamente convencidos.

A tenacidade do nosso director Mateus Moreno, mantendo esta revista desde 1914, através de todas as dificuldades que Portugal tem atravessado; a dedicação de Saavedra Machado, fazendo convergir para a *Alma Nova* o melhor da sua obra; e o facto de agora termos conseguido que Alcântara Carreira venha formar ao nosso lado com a sua fé, o seu entusiasmo, o seu idealismo, e o seu espirito de iniciativa, crêmos que hão de ser elementos bastantes para triunfarmos na batalha a quo desde o primeiro dia nos devotamos — de Ressurgimento Nacional,—á qual boje acrescentamos, a do Intercâmbio Luso-Brasileiro, — acção que em breve tencionamos dilatar, a caminho dum ideal ainda maior e duma acção patriótica tamanha quanto em nossas forças caiba, auxiliados pelo considerável número de simpatias e dedicações que a *Alma Nova* já contava e as quo agora lhe trás em Portugal e no Brasil o seu novo director Alcântara Carreira.

Encontra-se há meses doente e proibido de sair de casa, o nosso querido amigo e director artístico Saavedra Machado. Por tal motivo não se realizou ainda o almoço promovido em sua homenagem, pelos triunfos alcançados com a publicação do «In-Memoriám de Camilo». Não são também, por isso, da sua responsabilidade artística, tanto o presente número como os dois últimos fascículos da *Alma Nova*.

O grande mestre Columbano, figura máxima da pintura portuguesa, recebeu há poucos dias a homenagem dos seus discípulos, numa festa simples, sem exhibicionismos, mas tocante de significado e grandeza: — a entrega de um album com autógrafos de várias figuras dominantes da política e das letras, em que são apreciadas as peregrinas qualidades do glorioso Artista.

A simpática lembrança dos seus discípulos tornou-se assim numa verdadeira consagração nacional.

Acaba de partir para Paris, onde fixa residência por algum tempo, o distinto pintor modernista e nosso illustre amigo, sr. Eduardo Viana.

Entre os artistas portugueses premiados na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, figuram alguns dos nossos camaradas de redacção, com os seguintes prémios:

Pintura — Eduardo Gil Romero, com *medalha de prata*, e José Samora Barros, com *menção honrosa*;
Desenho — João Saavedra Machado, com *medalha de prata* (o único premiado);
Caricatura — Francisco Valença, com *medalha de ouro*.

Rebello de Bettencourt, nosso camarada de redacção e belo poeta açoreano, prosador o jornalista, acaba de fazer uma viagem de recreio, pelo norte da França, Inglaterra, Bélgica e Holanda, recolhendo impressões para uma série de crónicas que a *Alma Nova* brevemente vai publicar.

A revista *Fon Fon*, do Rio de Janeiro, acaba de apresentar o resultado de um plebiscito aberto entre os seus leitores, para a eleição dos *Maiores Brasileiros da Actualidade*, nos vários círculos das actividades materiais e mentais. Foram mais votados os seguintes:

Estadistas: 1.º lugar, Epiácio Pessoa — 2.º, Washington Luís — 3.º, Assis Brasil.
Militares: 1.º lugar, Tasso Fragoso — 2.º, Cândido Rondon — 3.º, Tertuliano Potyguara.
Poetas: 1.º lugar, Alberto d'Oliveira — 2.º, Hermes Fontes — 3.º, Catulo Cearense.
Escritores: 1.º lugar, Coelho Neto — 2.º, Gustavo Barroso — 3.º, Oliveira Lima.
Artistas: 1.º lugar, Antonio Parreiras — 2.º, Rodolfo Bernadelli — 3.º, Batista da Costa.
Músicos: 1.º lugar, Guiomar Novais — 2.º, Francisco Braga — 3.º, H. Vila-Lobos.
Actores: 1.º lugar, Leopoldo Fróos — 2.º, Procópio Ferreira — 3.º, Itália Fausta.
Cantores: 1.º lugar, Bidú Sayão — 2.º, Zola Amaro — 3.º, Lídia Salgado.
Sábios: 1.º lugar, Vital Brasil — 2.º, Henrique Morize — 3.º, Teixeira Mendes.
Engenheiros: 1.º lugar, Paulo de Frontin — 2.º, Ramos de Azevedo — 3.º, Carlos Sampaio.
Médicos: 1.º lugar, Miguel Couto — 2.º, Antonio Austregesilo — 3.º, José de Mendonça.
Jurisconsultos: 1.º lugar, Clovis Bevilacqua — 2.º, Raul Fernandes — 3.º, Rodrigues Octávio.
Industriais: 1.º lugar, Conde Pereira Carneiro — 2.º, Guilherme Guinle — 3.º, Henrique Lage.
Financistas: 1.º lugar, João Ribeiro — 2.º, José Maria Wtaker — 3.º, Leopoldo de Bulhões.
Inventores: 1.º lugar, Santos Dumont — 2.º, Artur Higino — 3.º, Salviano Figueiredo.
Educadores: 1.º lugar, Carlos de Laet — 2.º, João Kopke — 3.º, J. Accioly.
Sportsmen: 1.º lugar, Arnaldo Guinle — 2.º, Guilherme Paraense — 3.º, Alvaro Silva.

A *Alma Nova* publicará no próximo número:
Página dos Desportos, Teatros, Biblioteca Militar
 e alguns dos outros artigos já anunciados

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

D A S

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

O Mundo Depois da Grande Guerra, por Luís Schwalbach, br.	5\$00
Antologia de Afonso Lopes Vieira, br.	10\$00
Revista Lusitânia, N.ºs 5 e 6 juntos, br.	20\$00
Divina Tristeza, por Paço d'Arcos, br. ...	8\$00
Maldita Seja a Guerra, por Ribeiro de Carvalho, br.	5\$00
Camões Lírico, 2.º vol. — Antologia Portuguesa, br.	10\$00
Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental, por Dr. Faria de Vasconcellos, br.	20\$00
Tapeçarias da Tomada de Arzila, por Dr. Reynaldo dos Santos, br.	40\$00
Tropa d'Africa, 2.ª edição, por Carlos Selvagem, br.	10\$00
Filhas de Babilónia, 3.ª edição por Aquilino Ribeiro, br.	10\$00
A Burguezinha, por A. M. Lopes do Rego, br.	10\$00
Almanach Bertrand p.ª 1926, br.	9\$50

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73 — Rua Garrett — 75

LISBOA

Fornecimentos e informações de todas as publicações nacionais e estrangeiras. Na volta do correio são enviados todos os livros que lhes sejam pedidos, a cobrar ou mediante a importância acrescida do porte.

Sucursais, Depositários e Correspondentes em todo o continente, colónias e estrangeiro

Livros Brasileiros

â venda nas principais
livrarias de Lisboa
e nesta Administração:

Perfumes, de Onestaldo de Pennafort
A Cidade Mulher, de Alvaro Moreyra
Vida Futil, de Peregrino Junior
Cocaina, de Alvaro Moreyra
Carrilhões, de Murillo Araujo
Alma, de D. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça
Um sorriso para todos, de Alvaro Moreyra
Entardecer, de Silveira Bueno
Exaltação, de D. Albertina Bertha
Poemas da Distancia, de Gões Filho
Entrevistas, de João Luzo
Cidade de Ouro, de Murilo Araujo
A Olavo Bilac, de Alvaro Moreyra
Poesia, de Atilio Millano
Oração ao Sól. de Renato Travassos
Canções do Brasil, prefácio de Brito Mendes
Sabedoria dos Instintos, de Pontes de Miranda
Os Menezes de Haddock Lobo, de João Luzo
Astros e Abysmos, de Luiz Carlos
Os Bruzundangas, de Lima Barreto
O Folk lore, de João Ribeiro
Estudos, de D. Albertina Bertha
Sociologia e Estetica, de Gama Rosa
Romanescos e Cirano de Bergerac, tradução de C. Porto Carreiro
Castellos na Areia, de Olegario Mariano
Estudos criticos, de Joazè Maria Belo
Mulher Nua, de D. Gilka Machado
Teatro, de Goulart de Andrade
Despertar, de Hermes Fontes
Arte de fazer graça, de Procopio Ferreira
Alma barbara, de Alcides Maia
Poesias, de Luis Murat
Ultimas Cigarras, de Olegario Mariano
Noite de Caliban, de Teixeira Soares
Atalanta, de Cassiano Ricardo
A coragem de amar, de Sylvio Floreal
A Mulher é uma degenerada, D. Maria Lacerda de Moura
Sonhos, de Lellis Vieira
1830, de Paulo Gonçalves
José Bonifacio, de Lellis Vieira

Revistas: «Ilustração Brasileira», «Leituras para todos», «Para todos», «Malho», «Tico-Tico». «Vida Doméstica» e «Frou-Frou», do Rio de Janeiro; «Novissima» e «Terra e Mar». de S. Paulo; **Jornais:** «Folha da Manhã» e «Folha da Noite», de S. Paulo.

A CRISE DO ENSINO RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

CURSOS DE
AERONÁUTICA
AUTOMOBILISMO
ELECTRICIDADE
"CHAUFFAGE" CENTRAL
CIMENTO ARMADO

Ensino sempre por correspondência. Todos os cursos em lingua francesa. Diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D-LISBOA



«Croquis» de um aluno

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

• • • • PELO DESENHO • • • •

PELO desenho podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os numa vez para sempre no vosso album de «croquis».

O CURSO A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os principios de desenho, pelo seu único método de ensino individual e pessoal.

Vencereis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receíam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artisticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como ai chegam! Dêem lixe o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso album de luxo, ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

Não há um dia que não saibamos de novos êxitos de alunos. Extracto de «Bulletin Trimestrel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo selo:

«M. de Chambertrand (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado desse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Folgo muitissimo em transmitir-lhes as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lhe igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, applicando-o á illustração, á moda, á publicidade, á ornamentação, etc., etc.

COURS A. B. C. de Désin «Atelier 112»

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS — FRANÇA

FOTOGRAFIA PORTUGAL

CALÇADA DO DUQUE, 18 - LISBOA



Retratos de Arte — Fotografia
de quadros e ampliações
OS MELHORES PREÇOS

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matriculas. No ano seguinte o número de alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo este a maioria das matriculas que se vão registando diariamente á propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levariam a tomar a resolução de requisitar matricula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matricula nos cursos de Escritação e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

RECOMEN DAMOS

Fotograv. Nacional L.^{da} — R. da Rosa
Tabacaria Mónaco — Rocio, 21
» Barbosa — R. do Carmo
» Americana — Chiado
» Ingleza — C. do Sodré
» Neves — Rocio, 42

LISBOA

ESTABELECIMENTOS
DA MAIOR CONFIANÇA

FOTOGRAVURA NACIONAL L.^{DA}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

NÃO DE-
MORE A
REMESSA
DO SEU
ANÚNCIO
PARA O
PRÓXIMO
NÚMERO

Litografia MATA

★ | A MELHOR OFICINA DO PAIS | ★

*Trabalhos litográficos
em todos os géneros*

Os mais baratos
por serem os mais perfeitos

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho
transparente, "couché", e algodão.
Jogos da Glória, Assalto, Dominó, Lóto, etc. Venda
avulsa de rótulos para licôres, xaropes, aguardente, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 60 a 70 —
LISBOA TELEF. 3623 C.

Oficinas — R. do Barão, 2 a 4, 4.º Sé (Edifício proprio)
LISBOA TELEF. 6177 C.

A MELHOR SARDINHA DE PORTUGAL



GOUVEIA & SANTOS

R. ASSUNÇÃO 42-2º LISBOA - PORTUGAL
ENDEREÇO TEL. - GOUVEISSAN - TELEFONE - N. - 5396

M A R C A S
DE COMBATE

LA CONQUÊTE E FRIANDISE